

Entre o ver e o inferir: uma análise pragmática do humor em libras e da construção de sentidos por ouvintes não fluentes

Between Seeing and Inferring: A Pragmatic Analysis of Humor in Libras (Brazilian Sign Language) and the Construction of Meaning by Non-Fluent Listeners

Leandro Alves Wanzeler¹

Adriana Gomes Bandeira²

Resumo: Este artigo examina (do ponto de vista da Pragmática e da Semântica Cognitiva) a compreensão linguística do humor em Libras por ouvintes não fluentes, usando a piada "Árvore Surda" como exemplo. Baseamo-nos nos estudos de Grice (1982), Levinson (2007), Koch (2011; 2015), Marcuschi (2008) e Lakoff e Johnson (1999), conceituando a linguagem como uma prática social e inferencial na qual os significados são derivados da interação do contexto, intenção comunicativa, conhecimento cultural e experiências corporificadas. O humor, deste ponto de vista, depende da quebra de expectativas, implicaturas e da mobilização de conhecimento compartilhado. O estudo é descrito como um estudo de caso qualitativo (Yin, 2010), realizado com 15 professores da educação básica, utilizando um questionário semiestruturado. Para a análise, foi empregada uma adaptação da Taxonomia de Bloom, organizada em três níveis de compreensão: não inferiu, compreensão parcial e compreensão total. Embora mostre limitações no sistema de formação de professores em relação à Libras, os resultados mostram que elementos visuais, corporais e espaciais favoreceram inferências sobre o humor sinalizado. Pode-se concluir que o humor em Libras é uma forma complexa de letramento linguístico visual-gestual, fundamental para a inclusão e valorização da cultura surda.

Palavras-chave: Libras. Humor surdo. Pragmática. Letramento linguístico. Semântica Cognitiva.

Abstract: This article examines (from the perspective of Pragmatics and Cognitive Semantics) the linguistic comprehension of humor in Libras (Brazilian Sign Language) by non-fluent listeners, using the joke "Deaf Tree" as an example. We base our work on the studies of Grice (1982), Levinson (2007), Koch (2011; 2015), Marcuschi (2008), and Lakoff and Johnson (1999), conceptualizing language as a social and inferential practice in which meanings are derived from the interaction of context, communicative intention, cultural knowledge, and embodied experiences. Humor, from this point of view, depends on the breaking of expectations, implicatures, and the mobilization of shared knowledge. The study is described as a qualitative case study (Yin, 2010), conducted with 15 primary and secondary school teachers, using a semi-structured questionnaire. For the analysis, an adaptation of Bloom's Taxonomy was employed, organized into three levels of comprehension: no inference, partial comprehension, and total comprehension. Although the teacher training system regarding Libras (Brazilian Sign Language) shows limitations, the results indicate that visual, bodily, and spatial elements favored inferences about signed humor. It can be concluded that humor in Libras is a complex form of visual-gestural linguistic literacy, fundamental for the inclusion and appreciation of Deaf culture.

Keywords: Brazilian Sign Language (Libras). Deaf humor. Pragmatics. Linguistic literacy. Cognitive semantics.

¹ Doutorando, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: leandro.wanzeler.lingcognit@gmail.com.

² Doutora em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: adriana.bandeira@ufes.br.

Introdução

A leitura e a compreensão linguística envolvem elementos históricos, sociais, culturais e linguísticos que são intrínsecos ao ser humano. A linguagem, passa a ser compreendida como ação social fixa no processo comunicacional. Nesta perspectiva, os sentidos não estão dados de forma explícita nos enunciados, mas são construídos a partir de processos inferenciais que articulam conhecimento linguístico, contexto, intenções comunicativas e expectativas partilhadas. Essa ideia é apoiada pelos estudos pragmáticos, que mudam o foco da análise da estrutura da língua para a forma como as mensagens criam sentidos em contextos reais do uso da língua.

Neste contexto, Grice (1982) demonstra que a compreensão dos enunciados ultrapassa o significado literal, sendo orientada por princípios cooperativos e por implicaturas conversacionais, por meio das quais os interlocutores inferem sentidos não explicitamente ditos. Neste contexto, Levinson (2007) afirma que a Pragmática investiga precisamente essas relações entre linguagem e contexto, evidenciando que o significado emerge da interação entre forma linguística, intenção comunicativa e conhecimentos compartilhados no ato enunciativo.

Na Língua Brasileira de Sinais – Libras, essas questões adquirem contornos específicos, uma vez que a significação emerge da articulação entre elementos linguísticos, visuais, corporais e espaciais. A Libras, enquanto língua de uso da comunidade surda brasileira, organiza-se pragmaticamente por meio de recursos linguísticos, como as unidades mínimas: Configuração de Mão (formato), Ponto de Articulação (local), Movimento, Orientação (direção da palma) e Marcadores Não Manuais (faciais/corporais) e performatividade corporal, que funcionam como estruturas fundamentais para a interpretação dos enunciados.

O gênero discursivo, humor, escolhido para essa análise linguística, aumenta a dimensão pragmática da linguagem, pois depende fortemente do implícito, da quebra de expectativas comunicativas e da ativação de conhecimentos socioculturais compartilhados. Assim, compreender uma piada não se limita à decodificação linguística, mas envolve a capacidade de inferir sentidos não ditos e reconhecer intenções comunicativas subjacentes.

Portanto, este artigo tem como objetivo analisar, à luz da Pragmática e da Semântica Cognitiva, os processos inferenciais empregados por ouvintes não fluentes em Libras na interpretação do humor sinalizado, tomando como corpus a piada “Árvore surda”, a fim de compreender como a competência pragmática e cognitiva, ou sua ausência, incide na construção de sentidos e no letramento linguístico desses interlocutores. Como desdobramento desse objetivo geral, os objetivos específicos são: (1) identificar os recursos linguísticos e visuais utilizados na construção do humor em Libras; (2) verificar as dificuldades de compreensão apresentadas por ouvintes não fluentes em Libras; (3) analisar o papel dos marcadores não manuais, da espacialidade e do contexto discursivo na apreensão do sentido humorístico; e (4) avaliar o nível de letramento linguístico dos participantes a partir de sua capacidade de interpretar significados implícitos e pragmáticos em Libras.

Justifica-se tal investigação pela necessidade de compreender como o humor, enquanto fenômeno discursivo eminentemente pragmático, fortemente dependente de inferência, metáforas, modelos cognitivos e esquemas perceptivos, se manifesta em uma língua de modalidade visuo-gestual (Libras) e como é interpretado por sujeitos cuja experiência comunicativa está ancorada majoritariamente na modalidade oral-auditiva (língua portuguesa). Conforme Lins (2008), a Pragmática ocupa-se do estudo do uso da linguagem em contexto, buscando compreender o que os sujeitos pretendem expressar em seus enunciados para além do significado literal, o que torna essa abordagem particularmente adequada para a análise de fenômenos discursivos complexos como o humor.

Considerando que a compreensão do humor pressupõe a articulação entre conhecimentos linguísticos, culturais, visuais, pragmáticos e semânticos cognitivos, a análise de sua recepção em Libras por ouvintes não fluentes configura-se como um indicador relevante do nível de letramento linguístico e pragmático desses participantes. Dessa forma, pretende-se evidenciar como a semântica cognitiva, em diálogo com a Pragmática, oferece subsídios teóricos e analíticos para a compreensão das interfaces entre linguagem, cognição e percepção, especialmente no que se refere à construção de sentidos na recepção da piada visual “Árvore surda” em Libras.

Fundamentos Teóricos: Pragmática e Construção de Sentidos

A Pragmática constitui-se como o campo dos estudos linguísticos dedicado à investigação da linguagem em uso, isto é, aos processos pelos quais os interlocutores constroem sentidos em situações reais de interação. De maneira geral, a Pragmática dedica-se ao estudo do uso da linguagem em contexto e no seu uso, buscando compreender o que os sujeitos pretendem expressar ao produzir seus enunciados, para além do sentido literal das palavras (Lins, 2008). Nessa perspectiva, o significado não se encontra apenas nas palavras ou nas estruturas linguísticas, mas emerge da relação dinâmica entre linguagem, contexto e intenção comunicativa.

Nessa mesma direção, Reyes (1998) relata que a Pragmática trata dos interlocutores, ou seja, os próprios falantes, pois é durante o ato locucionário que o sentido se constrói, e não nas palavras de forma isolada. Assim, para compreender um enunciado, é preciso considerar os sujeitos envolvidos no diálogo, suas intenções, conhecimentos enciclopédicos (prévios), contexto histórico e sociocultural em que a interação está inserida.

Os estudos das implicaturas obtêm um eixo central, pois explica como os interlocutores conseguem compreender os sentidos implícitos além do significado literal (Gonçalves, 2019, p. 139). Conforme sintetiza Gonçalves (2019, p. 137), “a Pragmática é a área da linguística que busca produzir, dentro dos estudos linguísticos, uma teoria que relaciona as palavras aos falantes e seus contextos, analisando essa segunda dimensão da linguagem”. Tal definição reforça a compreensão da linguagem como prática social, cognitiva e interacional.

Dentro desse campo, o estudo das implicaturas é relevante, pois ajuda a compreender como os interlocutores conseguem captar sentidos que vão além do significado literal do enunciado. Gonçalves (2019) compreende a Pragmática como um campo da Linguística dedicado à construção de uma teoria que relaciona o uso da linguagem aos falantes e aos contextos de interação, enfatizando sua dimensão social e interacional. Nessa perspectiva, a linguagem é entendida como uma prática construída nas relações entre os interlocutores. Ainda segundo a autora, o estudo das implicaturas ocupa lugar central nesse campo, pois possibilita explicar como os sujeitos interpretam sentidos implícitos que extrapolam o significado literal das enunciações.

O humor nesse arcabouço teórico constitui um fenômeno com distinção pragmática, visto que sua produção e interpretação dependem de processos inferenciais acionados pelos interlocutores e do reconhecimento do contexto comunicativo em que o enunciado é estabelecido (Gonçalves, 2019). Dessa forma, o efeito humorístico não se encontra no conteúdo semântico estritamente linguístico do enunciado, mas emerge da interação entre o que é dito, o que é pressuposto e o que é implicitamente comunicado, exigindo do interlocutor conhecimentos compartilhados, sensibilidade ao contexto e a capacidade de mobilizar implicaturas para a construção do sentido.

O efeito humorístico decorre da interação entre linguagem, contexto e inferência, exigindo do interlocutor a capacidade de reconhecer sentidos não explicitados e de ajustar suas expectativas interpretativas (Gonçalves, 2019, p. 149). Esse efeito torna-se possível, quando os interlocutores tenham adquirido o letramento linguístico, conhecimento enciclopédico, aspectos sociais e culturais. Além disso, a interação humorística mobiliza estratégias discursivas orientadas pela preservação das relações sociais, como as estratégias de polidez, utilizadas pelos falantes para manter o equilíbrio interacional e a face dos interlocutores (Gonçalves, 2019, p. 145).

Humor, libras e letramento linguístico

Embora pareça ser um paradoxo, há seriedade no humor. Muito além de provocar o riso (seu produto mais visível), ele configura-se como uma prática discursiva complexa que ultrapassa a função de entretenimento, assumindo papel central na construção de sentidos e no desenvolvimento do letramento linguístico. Assim, o humor consiste num conjunto de estados emocionais duradouros (positivos ou negativos) que influenciam a cognição, a ação ou o comportamento do indivíduo, conduzindo o leitor a reflexões implícitas no texto (Recla, 2023).

Dessa forma, ao mobilizar recursos como ironia, ambiguidade, polissemia, implícitos e intertextualidade, o humor exige do sujeito competências linguísticas, cognitivas e socioculturais que são fundamentais para a participação nas práticas sociais de linguagem. No caso do sujeito surdo, essas práticas se constituem, prioritariamente, por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida legalmente como língua natural da comunidade surda no Brasil.

Sob a perspectiva dos estudos do letramento, Marcuschi (2008) compreende o letramento como um conjunto de práticas sociais situadas que envolvem o uso da linguagem em contextos reais de interação. Para o sujeito surdo, o letramento linguístico não se limita à aprendizagem da língua portuguesa escrita, mas envolve, de maneira central, o domínio da Libras como primeira língua e como meio de acesso ao mundo social, cultural e discursivo. Nesse contexto, o humor em Libras constitui-se como uma prática de letramento visual-gestual, na qual os sentidos são construídos por meio de recursos espaciais, expressões faciais, movimentos corporais e configurações de mão.

A compreensão do humor, conforme aponta Koch (2011), depende da capacidade de o leitor ou interlocutor interpretar elementos implícitos e inferir sentidos não explicitados no texto. No humor surdo, essas inferências são construídas a partir de mecanismos próprios das línguas de sinais, como a iconicidade, a simultaneidade e o uso expressivo do espaço discursivo. Piadas, narrativas humorísticas e performances visuais em Libras demandam do sujeito surdo elevado grau de competência linguística e discursiva, reforçando o papel do humor como prática sofisticada de letramento.

Do ponto de vista bakhtiniano, o humor pode ser compreendido como um fenômeno dialógico, no qual diferentes vozes sociais se confrontam e se ressignificam (Bakhtin, 2011). O humor surdo, em especial, constitui-se como um espaço de resistência e afirmação identitária, frequentemente tematizando experiências de opressão linguística, barreiras comunicacionais e relações de poder entre surdos e ouvintes.

Nesse sentido, o humor surdo não apenas promove o riso, mas também fortalece processos de letramento linguístico e cultural. Conforme destacam Quadros e Karnopp (2004), a Libras possui estrutura gramatical própria e potencial pleno para a produção de discursos complexos, incluindo textos narrativos e humorísticos. Assim, ao acessar e produzir humor em Libras, o sujeito surdo amplia suas práticas de linguagem, desenvolve competências interpretativas e consolida sua inserção em práticas sociais significativas.

No contexto educacional, a valorização do humor em Libras contribui para uma abordagem bilíngue mais efetiva, na qual a Libras é reconhecida como língua de instrução e de produção de sentidos. Como argumenta Soares (2009), o letramento envolve o uso social da linguagem em práticas significativas; dessa forma, o humor surdo pode atuar

como mediador pedagógico potente, favorecendo o engajamento, a criticidade e a reflexão sobre os usos da linguagem tanto em Libras quanto na língua portuguesa escrita.

Desse modo, a articulação entre humor, Libras e letramento linguístico evidencia a necessidade de compreender as práticas discursivas do sujeito surdo a partir de uma perspectiva que valorize a visualidade, o bilinguismo e a cultura surda. O humor, ao tensionar normas linguísticas e sociais, contribui para a formação de sujeitos surdos críticos, linguisticamente competentes e protagonistas de suas próprias práticas discursivas na sociedade contemporânea.

A piada “árvore surda”: uma análise a partir do letramento linguístico e da pragmática

Assim como o humor oral depende de fatores como a condensação, o duplo sentido, o múltiplo uso das palavras (Freud, 2017), a pressuposição, a inferência, o conhecimento prévio, a entonação (Possenti, 1998), a “interrupção da continuidade” (Bergson, 2018, p. 53), o humor em Libras, ainda, enfatiza o aspecto performático: a construção de personagens, as pausas, o uso do espaço e a incorporação de elementos do cenário, configurando uma prática discursiva visual-gestual que mobiliza formas específicas de letramento linguístico. Nesse sentido, compreende-se que o humor se produz no uso efetivo da linguagem em situação, uma vez que, “o humor depende menos das palavras em si do que das condições em que elas são produzidas e interpretadas” (Possenti, 1998, p. 21).

Sob a perspectiva dos estudos do letramento, compreende-se que a produção e a interpretação de sentidos não se reduzem ao domínio do código linguístico, mas envolvem práticas sociais situadas de uso da linguagem (Marcuschi, 2008; Soares, 2009). Nesse sentido, a linguagem constitui-se como ação social, pois, conforme afirma Marcuschi (2008, p. 61), “entender um texto é sempre um processo inferencial que envolve conhecimentos linguísticos, cognitivos e socioculturais”. Nesse contexto, o humor em Libras constitui-se como uma prática de letramento linguístico visual, na qual o sujeito precisa dominar não apenas a estrutura gramatical da língua de sinais, mas também seus recursos expressivos, culturais e discursivos.

Segundo Koch (2015), o sentido não é intrínseco ao texto, mas é constituído na interação entre texto, contexto e sujeitos envolvidos no ato comunicativo. Dessa forma, compreender uma piada da cultura surda (em Libras), acessar conhecimentos linguísticos culturais e experiências próprias da comunidade surda, que são construídos espaço de interação entre corpo, língua, espaço e cultura.

Este estudo utiliza como texto humorístico a piada “Árvore surda”. Nela, um lenhador se aproxima de uma árvore e, depois de serrá-la, grita “MADEIRA!”. A árvore, no entanto, não cai, ou seja, não reage como esperado. O suspense se cria no silêncio e na expressão corporal de estranhamento. Somente quando o lenhador soletra a palavra “M-A-D-E-I-R-A,” utilizando datilologia em Libras, é que a árvore finalmente compreende a mensagem e cai. Numa perspectiva pragmática, esse deslocamento evidencia o papel do contexto e da adequação do código, uma vez que, conforme assinala Lins (2008, p. 41), “a pragmática ocupa-se dos usos da linguagem em contextos reais de interação e dos efeitos de sentido produzidos pelas escolhas dos falantes”. Nesse viés, o efeito humorístico da piada surge a partir vários fatores:

- (1) **O jogo com a surdez é invertido:** não é a pessoa surda que não entende, mas sim a árvore, personificada como surda. Assim, observa-se a interrupção da linearidade (Bergson, 2018), recurso central na construção do humor, o que reforça a ideia pragmática de quebra de expectativas interpretativas, já que, segundo Possenti (1998, p. 37), “o riso nasce quando a interpretação esperada é frustrada por outra inesperada, mas plausível no contexto”.
- (2) **A solução inesperada:** soletrar a palavra “M-A-D-E-I-R-A” ativa a compreensão, criando o momento do que há de acontecer “Aha!”, típico das piadas surdas, ocorrendo o humor, ou seja, a interrupção da continuidade (Bergson, 2018). Tal efeito confirma que o humor depende de inferências contextuais, pois, como destaca Koch (2015, p. 45), “a interpretação do implícito exige do interlocutor uma atividade inferencial orientada pelo contexto”.
- (3) **A corporeificação do narrador:** ao contar a piada em Libras, o narrador alterna entre ser o lenhador (com gestos fortes, voz projetada visualmente pelo corpo) e ser a árvore (expressão de inércia, silêncio, depois reação exagerada). Nesse aspecto, Marcuschi (2008, p. 93) ressalta que “os sentidos não são dados, mas construídos na interação, a partir de pistas linguísticas e não linguísticas”.
- (4) **O domínio visual:** a pausa dramática, a expressão de impaciência do lenhador e a súbita queda da árvore compõem uma cena cômica que só funciona plenamente no campo expressivo da Libras.

Do ponto de vista do letramento linguístico, a piada “Árvore surda” evidencia que a compreensão do humor em Libras exige competências específicas de leitura visual-discursiva, que não são acessíveis apenas pelo domínio da língua portuguesa escrita ou oral. Trata-se de um letramento situado, no qual o sujeito precisa dominar práticas culturais da comunidade surda, reconhecer estruturas narrativas próprias da Libras e interpretar sentidos construídos pela performance corporal e espacial. Assim, o humor em Libras se configura como uma prática sofisticada de letramento linguístico, que articula língua, corpo, cultura e identidade, em consonância com a afirmação de Lins (2008, p. 52) de que “o uso da linguagem em situação revela formas específicas de letramento que extrapolam o domínio formal da língua”.

Assim, a piada “Árvore surda” ilustra como o humor em Libras se apoia em recursos visuais, espaciais e corporais que valorizam a experiência da cultura surda. Mais do que um jogo de palavras, trata-se de uma encenação visual, que reforça a potência criativa, estética e linguística da língua de sinais.

Abordagem metodológica

Este estudo configura-se como um estudo de caso (Yin, 2010), voltado à análise do nível de compreensão cognitiva de professores da educação básica ouvintes não sinalizantes diante da piada em Libras “Árvore Surda”³, que narra a história de um lenhador que tenta, sem sucesso, derrubar uma árvore, recriando piadas clássicas da comunidade surda pelo comediante surdo capixaba Alberto Oliveira Leite. Do ponto de vista pragmático, essa escolha metodológica justifica-se por considerar a linguagem como ação situada, uma vez que, conforme assinala Koch (2015), os sentidos são construídos na interação entre texto, contexto e sujeitos, e não podem ser dissociados das condições de uso.

Foi aplicado um questionário digital semiestruturado para 15 docentes da educação básica. Nele foram abordados diversos aspectos relacionados à compreensão do vídeo “Árvore Surda”. Avaliaram-se a experiência prévia dos docentes em Libras, o contato com estudantes surdos e a percepção sobre a inclusão da Libras na formação docente. Também foram investigadas a compreensão do vídeo, a identificação de elementos visuais e lexicais

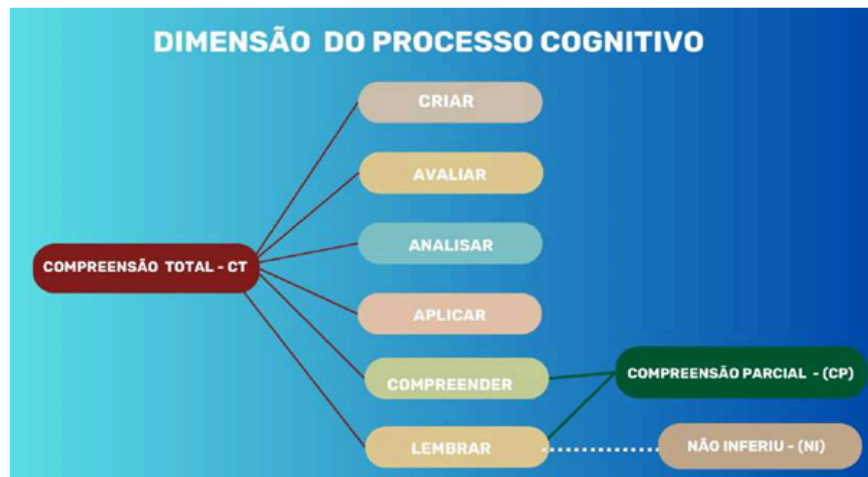
³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fsFZHmLxtL4>. Acesso em 14 mai.2026.

relevantes, os aspectos visuais decisivos para a compreensão da piada e a percepção sobre a dificuldade de entendimento por pessoas sem conhecimento de Libras. Por fim, buscou-se analisar a importância do humor surdo como recurso pedagógico para desenvolver criticidade e reflexão cultural. Essa abordagem compreende que, ao compreender que interpretar um texto implica realizar inferências orientadas pelo contexto sociocultural, ao conceber a compreensão textual como um processo inferencial e socialmente situado (Marcuschi, 2008).

Para analisar o nível de letramento linguístico dos professores ouvintes não fluentes em Libras, adotou-se a Taxonomia de Bloom, revisada, como referencial analítico adaptado, organizada em três níveis de compreensão: não inferiu, compreensão parcial e compreensão total. Essa adaptação permitiu categorizar as respostas dos participantes a partir do grau de mobilização de competências linguísticas, visuais e culturais na interpretação da piada “Árvore Surda”. Sob a perspectiva da Semântica Cognitiva, tal mobilização envolve a ativação de esquemas conceituais e de processos de categorização baseados na experiência, uma vez que, o significado emerge da interação entre linguagem, corpo e experiência (Lakoff e Johnson, 1999).

Para analisar o nível de letramento linguístico dos professores ouvintes não fluentes em Libras, adotou-se a Taxonomia de Bloom, revisada como referencial analítico adaptado, organizada em três níveis de compreensão: *não inferiu*, *compreensão parcial* e *compreensão total*. Essa adaptação permitiu categorizar as respostas dos participantes a partir do grau de mobilização de competências linguísticas, visuais e culturais na interpretação da piada “Árvore Surda”.

O nível *não inferiu* correspondeu às respostas restritas à descrição literal da narrativa, sem acesso aos sentidos implícitos; a *compreensão parcial* evidenciou entendimento global do enredo, sustentado principalmente pela iconicidade e pela percepção visual; e a *compreensão total* foi identificada nas respostas que integraram marcadores não manuais, espacialidade, datilologia e contexto cultural, reconhecendo a inversão de papéis entre surdos e ouvintes e refletindo criticamente sobre acessibilidade e inclusão, configurando um letramento linguístico ampliado.

Figura 1. Dimensões do processo cognitivo⁴

Fonte: Wanzeler (2024).

Assim, a utilização da Taxonomia de Bloom revisada, adaptada em três níveis de compreensão, mostrou-se adequada para atender ao objetivo deste estudo de analisar o nível de letramento linguístico de professores ouvintes não fluentes em Libras diante do humor surdo. Conforme apresentado na Figura 1, observou-se que a compreensão do texto em Libras ocorre de forma gradual, desde a percepção literal, passando pela compreensão total, até a integração crítica de elementos linguísticos, visuais e culturais. Tal organização metodológica evidencia que a compreensão do humor em Libras demanda competências que ultrapassam a decodificação visual, reafirmando o letramento linguístico como prática discursiva complexa, situada e fundamental para a promoção da inclusão e da acessibilidade linguística no contexto educacional.

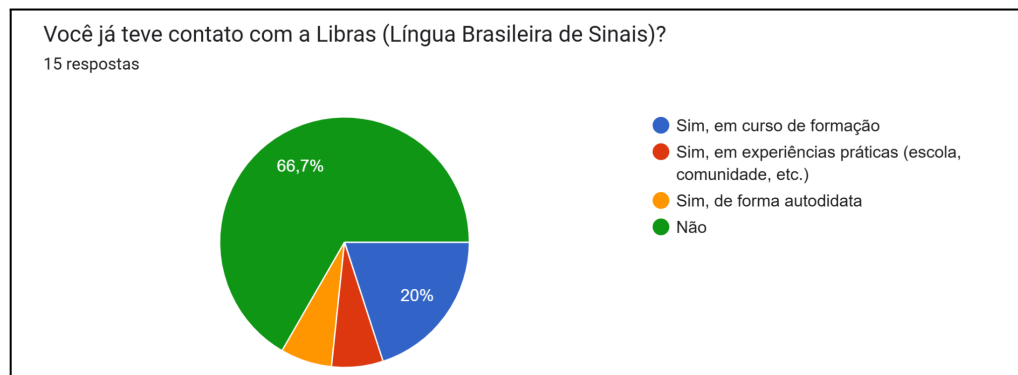
Discussão dos resultados

Os dados foram analisados à luz da Semântica Cognitiva, Pragmática Cognitiva e do letramento linguístico, considerando metáforas conceituais, frames culturais, esquemas imagéticos e modelos cognitivos idealizados, com o objetivo de compreender como os ouvintes percebem, interpretam e reconstroem o sentido do humor surdo, considerando suas dimensões linguísticas, culturais e cognitivas.

⁴ Com base nos Estudos da Taxonomia de Bloom e Estudos de Krathwohl (2002).

De acordo com as respostas obtidas no questionário, pôde-se observar que a maioria dos docentes nunca teve contato com a Língua Brasileira de Sinais, como se apresenta no gráfico 1:

Gráfico 1. Você já teve contato com a Libras (Língua Brasileira de Sinais)?



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O gráfico 1 revelou que quase 70% dos participantes não tiveram contato com a Libras, seja por meio da formação acadêmica, ou continuada em serviço, apontando o descumprimento das legislações vigentes e na garantia dos direitos linguísticos da Libras. Dessa forma, percebe-se que a educação básica de ensino não está preparada para receber os estudantes surdos sinalizantes que têm a Libras como sua primeira língua (L1).

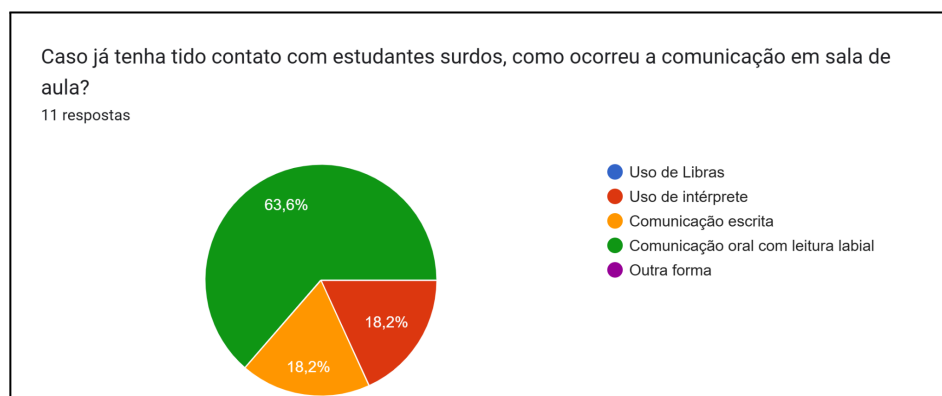
Essa realidade compromete diretamente os processos de letramento linguístico dos estudantes surdos, uma vez que o letramento pressupõe a participação do sujeito em práticas sociais mediadas por uma língua plenamente acessível (Marcuschi, 2008; Soares, 2009). À luz da Semântica Cognitiva, compreende-se que a construção de sentidos ocorre a partir de experiências corporificadas, metáforas conceituais e modelos cognitivos compartilhados, os quais se organizam e se expressam por meio de uma língua acessível ao sujeito. Já sob a perspectiva da Pragmática Cognitiva, entende-se que a interpretação dos sentidos depende de processos inferenciais situados, ancorados no contexto sociocultural e nas intenções comunicativas dos interlocutores. Ao não reconhecer a Libras como língua de instrução, a escola limita o acesso do estudante surdo às práticas discursivas escolares e aos processos de construção de sentidos.

Gráfico 2. Você já teve estudantes surdos em sua turma?

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Ao analisar o gráfico 2, com relação ao público pesquisado, embora a maioria dos docentes não conheça a língua de sinais, mais de 70%, já recebeu em suas turmas estudantes surdos e a sua comunicação, na maioria das vezes, se deu pela leitura labial (sem a acessibilidade comunicacional e linguística, por meio da tradução e interpretação para Libras). Isso revela que, mesmo com as políticas públicas de inclusão, políticas linguísticas e as políticas educacionais vigentes que asseguram a acessibilidade linguística e comunicacional, a escola não está preparada para atender todos os estudantes com equidade numa perspectiva inclusiva.

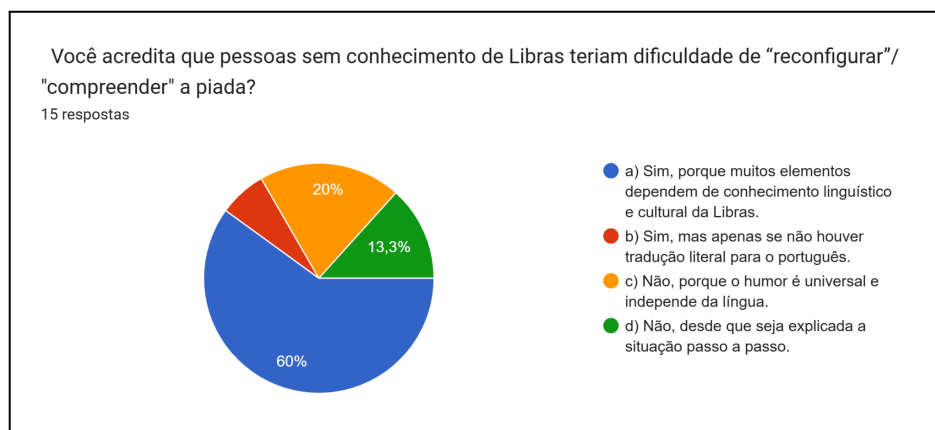
Faltam formação e recursos para permitir que os estudantes surdos tenham um ensino de forma acessível e de qualidade, o que é reconhecido pela categoria e pode ser analisado nos próximos gráficos.

Gráfico 3. Caso já tenha tido contato com estudantes surdos, como ocorreu a comunicação em sala de aula?

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O gráfico 3, apresenta um percentual de 63,6% dos professores que utilizaram a comunicação oral com leitura labial, 18,2% comunicação pela escrita e 18,2% conseguiram se comunicar com o estudante com o auxílio do intérprete de Libras. Esses resultados, ratificam a importância da formação de professores voltada para práticas inclusivas, de modo que o ensino seja garantido a todos. Além disso, revelam a segregação e o nível de não compreensão linguística do estudante surdo, sendo negligenciado os seus direitos linguísticos e o que tange a Lei de Diretrizes Básicas que tem como objetivo central preparar o estudante para vida. Sendo-lhes fragilizados os quatros pilares da educação: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender conhecer e o direito negligenciado os direitos Constitucionais.

Gráfico 4. Você acredita que pessoas sem conhecimento de Libras teriam dificuldade de “reconfigurar”/ “compreender” a piada?

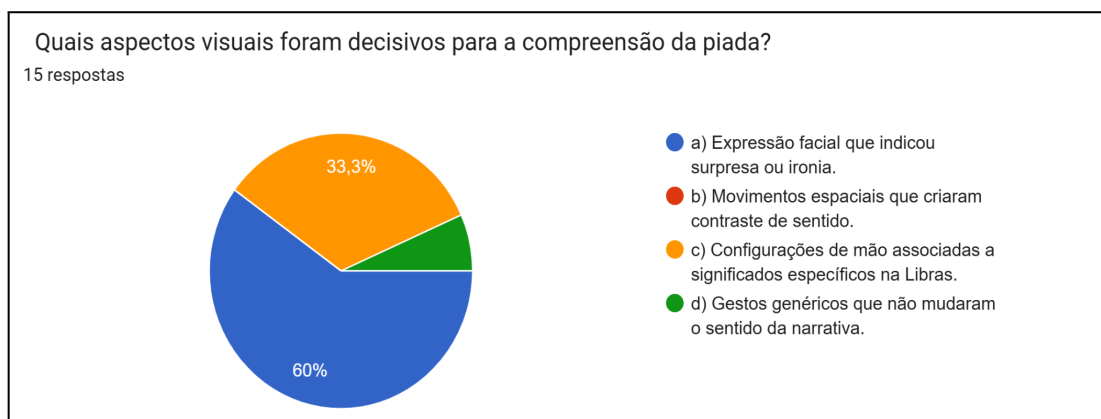


Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Os resultados do Gráfico 4 sugerem que, em grande parte, pessoas sem conhecimento de Libras teriam dificuldade em “reconfigurar” ou compreender plenamente a piada: 60% afirmaram que sim, porque muitos elementos dependem de saberes linguísticos e culturais específicos da Libras; 6,7% concordaram, mas apenas na ausência de uma tradução literal para o português; 20% acreditaram que não, defendendo uma visão de humor universal; e 13,3% acharam que a compreensão é possível desde que a situação seja explicada passo a passo. Esses dados evidenciam que o humor em Libras mobiliza práticas específicas de letramento linguístico, nas quais o domínio da língua de sinais e o pertencimento à cultura surda são fundamentais para a construção plena do efeito cômico.

Em conjunto, esses dados indicam que, embora uma minoria confie na universalidade do riso ou na eficácia de uma explicação verbal, a maior parte reconhece que o efeito cômico em Libras mobiliza recursos performativos, espaciais e culturais que não se transferem inteiramente por tradução literal; por isso, traduções e explicações podem amenizar a lacuna, mas dificilmente substituem a experiência visual-corporal que torna a piada efetivamente compreensível e engraçada para quem domina a língua de sinais.

Gráfico 5. Quais aspectos visuais foram decisivos para a compreensão da piada?



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Com relação ao gráfico 5, percebe-se que, mesmo que o público pesquisado não tenha domínio linguístico da língua de sinais, foi possível entender a piada “Árvore surda”, em virtude da análise de alguns elementos: 60% dos entrevistados, afirmaram que a expressão facial, indicando surpresa ou ironia, foi importante para a interpretação do vídeo; 33% informaram que a configuração das mãos, associadas a significados específicos, foi o que determinou a compreensão. Tal fato demonstra que, apesar de não ter formação em Libras, ainda assim, é possível compreender determinados textos, mesmo que parcialmente. Isso ocorre, pois, a língua é perspectivada e corporificada, ou seja, cada sujeito consegue inferir, nem que seja parcialmente, elementos corporais e imagéticos a partir da perspectiva da língua em uso.

Dessa forma, os dados analisados reforçam que o letramento linguístico do sujeito surdo não pode ser reduzido a estratégias compensatórias, como a leitura labial ou a escrita isolada, mas deve ser compreendido como um processo que se constrói a partir do

acesso legítimo à Libras e às práticas sociais que a constituem. A ausência desse acesso compromete não apenas a compreensão de textos humorísticos, mas o direito do estudante surdo à participação plena e significativa na vida escolar e social.

Tal fato pode ser comprovado, ao se examinarem algumas respostas dadas à pergunta feita no questionário pelos participantes:

Tabela 1. Excertos⁵ retirados do formulário *Google Forms* em resposta à pergunta: O que você entendeu após assistir à “Árvore Surda”?

Participante	O que você compreendeu após assistir ao vídeo “Árvore Surda”?	Dimensão do processo cognitivo (Taxonomia de Bloom)	Nível de compreensão linguística (Bloom)	Análise à luz da Pragmática Cognitiva e da Semântica Cognitiva
P1	Um lenhador queria cortar uma árvore, mas não conseguiu.	Lembrar identificação de informação explícita, sem relação causal	Não Inferiu (NI) não estabelece o motivo do acontecimento nem relação com a surdez	A interpretação permanece no nível literal, sem ativação de inferências pragmáticas nem acesso a frames culturais. Não há mobilização de esquemas imagéticos ou modelos cognitivos idealizados que sustentem o humor.
P2	O lenhador estava cortando árvores, mas havia uma que não caía e só caiu quando foi usada a língua de sinais, pois era surda.	Compreender interpretação do sentido global da narrativa	Compreensão Parcial (CP) inferi a relação entre Libras e surdez, sem aprofundamento conceitual	Há ativação inicial de inferência pragmática e reconhecimento de um <i>frame</i> comunicativo alternativo, porém sem elaboração crítica do contraste cultural surdo-ouvinte.
P3	Entendi que o lenhador derrubou várias árvores, mas teve uma que ele fez de tudo e não conseguiu... a árvore era surda.	Analisar relação de causa e efeito entre linguagem oral, surdez e falha comunicativa	Compreensão Total (CT) articula elementos narrativos e conceito central da obra	O participante mobiliza inferências pragmáticas complexas e constrói sentido por meio de esquemas imagéticos (ouvir/não ouvir) e <i>frames</i> culturais relacionados à comunicação e acessibilidade.
P4	Que a árvore, como era surda, não ouvia o grito do lenhador para que ela caísse.	Compreender explicação causal direta	Compreensão Parcial (CP) reconhece a causa, mas não amplia a reflexão	A interpretação evidencia ativação de causalidade básica, mas sem reconfiguração cognitiva do humor nem acesso ao modelo cultural implícito da inversão de papéis comunicativos.

⁵Fragmentos extraídos na íntegra do *google formulário*, elaborado pelos autores (2025).

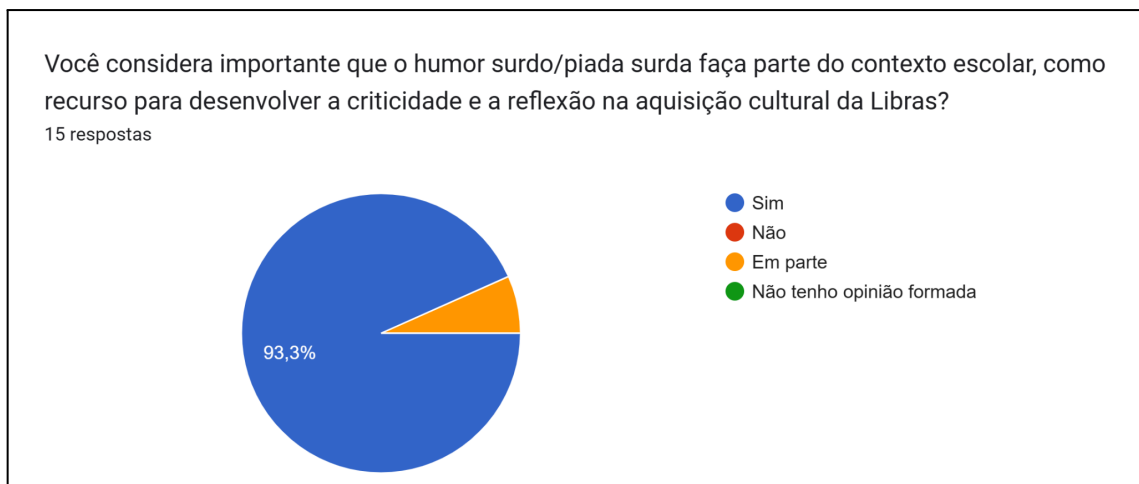
P5	Um lenhador derrubava árvores[...] quando utilizou a Libras, então ela “compreendeu”... reforçando a importância da inclusão.	Analisar / Avaliar articula causa–efeito e extrapola para um princípio social	Compreensão Total (CT) compreensão plena do enredo e de seu sentido simbólico e social	Há forte mobilização de inferência pragmática, ativação de frames culturais da inclusão e construção de significado a partir de modelos cognitivos idealizados sobre linguagem, comunicação e direitos linguísticos.
P6	Que árvore não caía porque não escutava.	Compreender explicação causal simples	Compreensão Parcial (CP) identifica a causa sem aprofundar a dimensão linguística	O participante acessa apenas um esquema imagético básico (ouvir/não ouvir), sem integrar elementos pragmáticos ou culturais que sustentam o humor surdo.
P7	Que a árvore estava prestes a cair... mas não ouvia o comando dele gritando.	Compreender interpretação do evento com relação causal	Compreensão Parcial (CP) reconhece a falha da linguagem oral, mas não menciona Libras	A inferência pragmática é incompleta, pois não há ativação do frame linguístico-cultural da Libras como chave interpretativa do humor.
P8	A árvore conhecia Libras.	Lembrar / Compreender (mínimo) menção isolada de informação implícita	Não Inferiu (NI) resposta fragmentada, sem explicação causal ou narrativa	A resposta evidencia ativação pontual de um elemento semântico, sem articulação pragmática, narrativa ou cognitiva do sentido humorístico.
P9	Um lenhador cortava árvores... após comunicar-se em Libras, a árvore caiu.	Analisar organização sequencial e relação causa–efeito	Compreensão Total (CT) integra narrativa, linguagem, surdez e desfecho	O participante reconstrói o sentido a partir de inferências pragmáticas, <i>frames</i> culturais e integração entre esquemas imagéticos e modelos cognitivos idealizados da comunicação acessível.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

De acordo com a Tabela 1, as respostas extraídas do *Google Forms*, referentes à pergunta “**O que você compreendeu após assistir ao vídeo “Árvore Surda”?**” Indicam que, dos 15 participantes da pesquisa, 9 apresentaram respostas passíveis de análise. Dentre esses, 7 alcançaram níveis de *compreensão total* ou *parcial* da piada “Árvore Surda”, a partir dos elementos imagéticos e corporais mobilizados no vídeo. A análise das

respostas evidencia que 3 participantes atingiram *compreensão total (CT)*, 4 apresentaram *compreensão parcial (CP)* e 2 não conseguiram inferir o sentido da piada (*NI*).

Gráfico 6. Você considera importante que o humor surdo/piada surda faça parte do contexto escolar, como recurso para desenvolver a criticidade e a reflexão na aquisição cultural da Libras?



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O gráfico 6 apresenta que mais de 93% dos participantes, considera importante o uso do humor surdo/piada surda no contexto escolar como ferramenta pedagógica. Isso indica que, cognitivamente os participantes da pesquisa, associam o humor não apenas ao entretenimento, mas a construção crítica e cultural do surdo. Dessa forma, há um mapeamento entre domínios (humor, educação e cultura), a valorização dos aspectos linguísticos, culturais e corporais como eixos centrais da comunidade surda e a inclusão de elementos culturais do humor como parte prototípica das práticas pedagógicas significativas. Assim, o humor surdo é compreendido como um recurso culturalmente situado por meio da cognição eficaz no ensino através da Libras.

Considerações finais

Embora a piada “Árvore surda” constitua um texto humorístico, ela possibilita refletir criticamente sobre a realidade vivenciada por estudantes surdos sinalizantes nas salas de aula brasileiras. Assim como a árvore não compreende o chamado oral do lenhador e só reage quando a comunicação ocorre de forma visual, o estudante surdo frequentemente

enfrenta barreiras quando a escola privilegia práticas centradas exclusivamente na oralidade. O humor, nesse contexto, revela uma crítica implícita: a ausência de acessibilidade linguística produz silêncio e exclusão, enquanto o uso de recursos visuais e expressivos viabiliza a compreensão e a participação.

Sob a perspectiva do letramento linguístico, a piada encena de forma lúdica experiências recorrentes da comunidade surda, evidenciando a necessidade do reconhecimento da Libras como língua de instrução, interação e construção de sentidos. Para que esse letramento se consolide, é imprescindível que a escola esteja preparada, com recursos visuais, formação docente adequada e ambientes bilíngues que assegurem ao estudante surdo não apenas o acesso ao conteúdo, mas também o reconhecimento de sua identidade linguística e cultural.

Apesar dos avanços legais, como a Lei nº 10.436/2002, o Decreto nº 5.626/2005, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Constituição Federal, a pesquisa revelou fragilidades na formação de professores e na efetivação dos direitos linguísticos dos estudantes surdos. O humor e a piada surda, enquanto manifestações culturais e identitárias, configuram-se como práticas de resistência, resiliência e afirmação da cultura surda.

À luz da Pragmática e da Semântica Cognitiva, os resultados indicam que a compreensão do humor sinalizado depende da mobilização de processos inferenciais, de conhecimentos socioculturais e de competências cognitivas específicas, as quais não se restringem ao domínio do código linguístico. Assim, o estudo confirma que o letramento linguístico em Libras é uma prática discursiva complexa, situada e fundamental para a promoção da inclusão, da acessibilidade e da equidade educacional.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre o humor surdo como gênero textual legítimo no contexto educacional e incentive novas investigações que valorizem o protagonismo, o empoderamento cultural e o letramento linguístico da comunidade surda, garantindo, de forma efetiva, seus direitos educacionais e linguísticos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre o significado do cômico. Tradução de Maria Adriana Camargo Capello. São Paulo: Edipro, 2018.
- FREUD, Sigmund. [1905]. *O Chiste e sua relação com o inconsciente*. In: _____. Obras Completas, v. 7. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GONÇALVES, Dandara. *Humor é pragmática*. 2019.
- GRICE, Paul. *Lógica e conversação*. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1982. p. 81-103.
- KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LINS, Maria da Penha. *Pragmática e sentido*. Recife: UFPE, 2008.
- LINS, Penha Lins. *Pragmática e ensino de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
- LINS, Maria da Penha Pereira; GONÇALVES, Danndara Wagmaker. *Implicaturas desvelam o humor resiliente em cartuns: deficiência e preconceito*. In: LINS, M. P. P. (Org.). *Explicando o humor pela Pragmática*. Vitória: PPGEL-UFES, 2016, p. 39-56.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- POSSENTI, Sírio Possenti. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RECLA, Graciella Costa Marim. Do cômico ao crítico: as crônicas humorísticas de Luis Fernando Verissimo na formação de leitores no segundo segmento da EJA. 2023, 171 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras) - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/3320/DISSERTA%c3%87%c3%83O C%c3%b4mico Cr%c3%adtico Forma%c3%a7%c3%a3o Leitores EJA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 set. 2025.

REYES, Graciela. *Pragmática lingüística*. Madrid: Síntesis, 1998.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

WANZELER, L. A. *Contribuições da semântica cognitiva: dialogando sobre os desafios da leitura e a compreensão do leitor-surdo diante das informações sobre HIV-AIDS*. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, 2024. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/18127>. Acesso em: 28 jan. 2026.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Sobre os autores

Leandro Alves Wanzeler

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3758-1075>

Doutorando e mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGEU-UFES. Professor Universitário na Faculdade Novo Milênio, Professor da Educação Básica e Formador de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais na Prefeitura Municipal de Vila Velha e Tradutor e Intérprete de Libras

Adriana Gomes Bandeira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5235-6792>

Doutora e mestra em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGEU-UFES. Tradutora e Intérprete de Libras na Universidade Federal do Espírito Santo.